

Filipe Delfim Santos (org.)

D.S arquivo **Delfim Santos**

**Correspondência entre
Edmundo Curvelo (1913-1954)
e Delfim Santos (1907-1966)
- de nov. 48 a out. 51 -**



Conteúdo

| | |
|--|----|
| 1. Dedicatória de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, .04.47..... | 3 |
| 2. Carta de Edmundo Curvelo para Delfim Santos, 25.11.48 | 4 |
| 3. Rascunho de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, s/d | 5 |
| 4. Rascunho de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, .09.51 | 6 |
| 5. Carta de Edmundo Curvelo para Delfim Santos, 10.10.51 | 7 |
| 6. Rascunho de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, 13?.10.51 | 11 |
| 7. Carta de Edmundo Curvelo para Delfim Santos, 16.10.51 | 13 |
| 8. Rascunho de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, 20?.10.51 | 17 |
| 9. Dedicatória de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, . .52? | 20 |

1. Dedicatória de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, .04.47

[Em ex. do livro FUNDAMENTAÇÃO EXISTENCIAL DA PEDAGOGIA, Lisboa: 1947]

A Edmundo Curvelo, homenagem do

Delfim Santos

Abril 1947

2. Carta de Edmundo Curvelo para Delfim Santos, 25.11.48

Lisboa: 25 de novembro de 1948

AMIGO:

Peço-lhe que me desculpe esta tão grande deselegância de só agora responder à sua carta, mas ultimamente tenho tido tantas e tão inesperadas complicações na minha vida particular, que não tenho ficado com tempo nem cabeça para nada.

Do trabalho¹ de que me fala foram tirados 100 exemplares, em edição do Ministério da Guerra. Vários foram enviados às Repartições que haviam de decidir da concessão da verba necessária para a fundação do Laboratório no Colégio Militar, e os restantes foram desaparecendo porque muitas pessoas os solicitaram. Sei que ultimamente havia uma meia dúzia de exemplares no Gabinete do Diretor do Colégio [Militar], que foi substituído há pouco tempo. Eu possuo um exemplar, que emprestei a um professor do Liceu de Viseu. Logo que ele me o devolva, e espero que demore pouco tempo, está ao seu dispor. Se, todavia, você tiver muita pressa, procurarei arranjar-lhe um no Colégio Militar. Embora não conheça o atual Diretor, espero que não me o recusará – no caso, provável, de ainda por lá haver algum disponível.

Abraça-o o seu sincero amigo

Edmundo Curvelo

¹ Edmundo CURVELO (1944) *Plano de um Laboratório de Psicologia e Pedagogia Experimental* (Fundado no Colégio Militar em 1946). Lisboa: Ministério da Guerra.

3. Rascunho de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, s/d

Meu caro Amigo:

O incidente de hoje preocupou-me. Julgo que conhece a consideração que tenho por si e disso lhe tenho dado provas não sujeitas a dúvida. Mas a sua tão pouco lógica defesa da Lógica deu-me que pensar e alimentar dúvidas que desde há tempos estavam germinando no meu espírito acerca da sua atitude para comigo. Devo dizer-lhe antes de mais que defendo a existência da lógica no quadro de estudos da Fac[uldade] de Letras porque também admito que dele façam parte os estudos de metafísica. É claro que há uma tão depreciativa visão da lógica como da metafísica mas não é nem uma nem outra que eu defendo. Aliás a identificação que julguei sentir nas suas palavras acerca da minha forma de pensamento não é correta. Os meus trabalhos podem mostrar que não sou um metafísico pelo menos no sentido corrente que merece todas as críticas. Mas também creio que o meu Amigo não é um lógico de um certo tipo de intolerante e dogmática visão como tão apaixonada e illogicamente se mostrou. Devo dizer-lhe com toda a sinceridade que me custa vê-lo tão incompreensivo como hoje o vi. Não sei que algo o motive contra mim, dada a violência do seu ataque à metafísica. Não creio que possa valorizar tais atitudes nem em si nem em ninguém. Se alguma coisa, porém, tem contra mim ou julga ter, gostaria que antes de firmemente assentar em tão estranha atitude, conversássemos sobre o assunto ou motivo. Não me julgo tão longe de si, do homem com sensibilidade estética e de inteligência para além das irredutibilidades aparentes da pseudocultura que justifique a separação que as suas palavras de hoje pretendiam sugerir. (...)

4. Rascunho de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, .09.51

Meu caro Amigo,

Acabo de ler o seu tratado de 'Metafísica da Estrutura Correlativa' que publicou sob o título de Fundamentação Epistemológica da Psicologia.² A subestrutura que eu sou em correlação consigo não me permitiu ascender gramaticalmente em totalidade aos seus pontos de vista. Mas achei muito interessante lá encontrar o que V., meu caro Curvelo, parece ignorar. Eu quero declarar-lhe que o seu talento de metafísico tem no seu escrito a mais completa e terrível prova daquilo que lá e em outros [lugares] pretende negar. Leia-o daqui a meses e critique-o e verá, julgo, que não exagero. Perante ele, apraz-me afirmar-lhe que abjuro, contesto e recuso essa coisa inútil e inglória que se chama e a que chama metafísica e [que] tem no seu opúsculo expressão nítida e patente. Não, meu caro amigo, em comparação consigo eu não sou metafísico e não o quero ser.

Não julgue que isto é apenas ironia, é sério o que lhe digo: V. por este escrito invalida e põe em perigo tudo o que supõe defender. Não lhe será difícil tornar-se consciente disto quando a distância lhe permitir situar-se devidamente ante o opúsculo que em má hora (ou boa hora, não sei) teve a infeliz ou feliz (não sei também) ideia de escrever. Realmente deixou-me perplexo este seu trabalho de fraca consistência teórica e talvez escrito muito apressadamente. É possível que não concorde com o que lhe digo, mas espero que admita que o faço com lealdade e em função da estima e consideração do colega e amigo,

Delfim Santos

² Edmundo CURVELO (1951a) Opuscula Psychologica II, Fundamentação Epistemológica da Psicologia, Lisboa: Boletim do Instituto de Orientação Profissional 2, 3ª série, 5-99.

5. Carta de Edmundo Curvelo para Delfim Santos, 10.10.51

INSTITUTO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
LISBOA

Lisboa – 10-X-51

AMIGO:

Quero dizer-lhe primeiro que lhe agradeço muito a sua carta. Estou tão habituado ao usual “ – Muito obrigado pelo seu interessante trabalho” que qualquer opinião menos lacónica não pode deixar de me despertar certa ternura por quem se dá ao incómodo de a emitir. Mas acresce que, neste caso, a minha satisfação é maior porque se trata de pessoa que muito estimo e por cuja inteligência tenho muito respeito e consideração.

Talvez V., meu caro Delfim, tenha razão quando me diz que, se eu reler o trabalho de aqui a meses, concordarei com a sua crítica. Talvez V. tenha razão – isso veremos. Mas não quero deixar de lhe dizer o que, sobre a sua opinião, penso agora.

Diz V. que o trabalho foi talvez escrito muito apressadamente. O trabalho foi com efeito escrito muito depressa: escrevi-o em três dias. Mas isso não quer dizer que não o tenha pensado durante três anos. O trabalho foi escrito depressa, mas creio que não apressadamente. A rapidez com que foi escrito pode ser responsável pela vivacidade de certos passos, pelo carácter dramático de certas afirmações, mas não creio que justifique a leviandade (se lhe puder ser encontrada) da posição. A vivacidade é perfeitamente justificável, e afirmo-lhe, meu caro Delfim, que não visa ninguém, e muito menos o visa a V. porque a sua seriedade merece-me demasiado respeito para procurar atingir os seus credos com ironias de gosto mais ou menos duvidoso. A vivacidade visa apenas certa atitude não compreensiva e filha da profunda ignorância, atitude de que lhe poderia indicar dúzias de exemplos, e que ainda num espantoso artigo intitulado

'Bases para toda a interpretação', publicado no n.º 1 da revista *Acto*, se exprime com estas palavras: "... monumento logístico que não passa dum esqueleto da escolástica...".³ Não é afirmação que me perturba. O que me perturba é a circunstância de dúzias e dúzias de afirmações assim serem feitas por pessoas que não são capazes de distinguir a logística da álgebra da lógica, e que tanto podem afirmar isso como o contrário. Não me perturba que outras pessoas sigam orientações diferentes da minha, o que me confrange é a gratuidade das afirmações. Infelizmente, escandaliza que alguém que não sabe o que é um operador seletivo se pronuncie sobre problemas de física nuclear, mas não escandaliza que se pronuncie sobre os problemas da lógica simbólica aquele que não sabe o que seja uma lógica modal ou que nunca ouviu falar do Teorema de Gödel. A afirmação que citei acima, feita por V., merecer-me-ia respeito e discussão; mas feita por quem se limita a papagueá-la apenas me pode merecer despeito ou ironia.

E assim chegamos a outro ponto da sua crítica: o trabalho tem fraca consistência teórica e é... metafísica. Primeiro, meu caro Delfim, devo dizer-lhe que não «repudio», não «abjuro», nem «contesto» a metafísica. Metafísicos somos nós todos. Metafísico é por exemplo um matemático quando manipula os seus símbolos, porque nessa manipulação está logo implícita uma metafísica realista ou nominalista – e esse pressuposto

³ Artigo do crítico literário José Blanc de PORTUGAL (1951) *Bases para toda a interpretação*, e em especial da interpretação da poesia, com um exemplo, *Acto*, fascículos de cultura 1, Lisboa, 7-9. A revista era dirigida por António QUADROS e Orlando VITORINO, assumindo-se como o órgão do movimento da Filosofia Portuguesa que, inspirando-se nas teses do filósofo português Álvaro Ribeiro, hostilizava e era hostilizado asperamente pelo *establishment* académico. O artigo citado analisa um soneto de Jorge de SENA (1919-1978) – que não identifica nem sequer pelo título mas que se trata de 'Génesis I', de 02.02.43, *Coroa da Terra*, 1946 – usando uma perspectiva cientificista e o crítico inclui a mencionada frase no seguinte contexto: «Dos extremos do cientismo oitocentista passou-se a um descrédito completo da ciência que atingiu o seu acume com a divulgação entre o público ignaro daquilo que ele supôs ser a teoria da relatividade (...) Passada a crise aguda sucedeu-lhe uma crise ordenada em que se desenvolveram elementos inconcebíveis para um mecanicista do século XIX, coroados pelo monumento logístico que não passa dum esqueleto da Escolástica apenas abandonada em aparência, pois o aristotelismo é a verdadeira filosofia da ciência mesmo quase no sentido espúrio dos cientistas de novecentos. (...)».

realista ou nominalista da matemática é precisamente problema que muito preocupa hoje os matemáticos. Eu não repudio a metafísica, e já mais de uma vez lhe disse que é intolerável que na nossa Faculdade não haja uma cadeira de Metafísica. O que eu desejo é distinguir o que é Metafísica do que não é, o que eu desejo é distinguir os problemas metafísicos da maneira metafísica de tratar quaisquer problemas... Quanto ao meu trabalho, não lhe digo que nele não há metafísica, quer expressa quer implícita; e não lhe digo que a sua consistência teórica não poderia ser maior. Mas agora lembre-se, Amigo, de que V. por mais de uma vez me disse que admirava a coragem com que eu continuo a publicar trabalhos que ninguém lê. Essa sua afirmação é quase correta para cá, embora não seja tão correta no que respeita a lá fora, como se gosta de dizer. Lá fora há quem os leia e quem lhes publique críticas e discussões. Mas em todo o caso, Amigo, cá poucos são os que os folheiam. De aí, provavelmente, a maneira como eu redigi este trabalho. Eu quis reduzir ao mínimo a parte técnica. Quis exprimir noções rigorosas e corretas por meio de linguagem inexata e sem rigor — para que mais alguns, além dos raros que atualmente o fazem, me pudessem ler: cá. Se o leitor achar a linguagem inadequada e a análise insuficiente, isso significará que, ao menos em parte, atingi o meu objetivo. Devido ao inadequado da linguagem, devido à falta de rigor, à inexatidão da linguagem, o meu trabalho pode aparentar fraca consistência teórica e parecer metafísica. Isso é talvez inevitável e confirma a minha tese: a linguagem vulgar é insuficiente para se analisarem certos problemas. Na verdade, a culpa é talvez minha por assim transigir. Já na comunicação que apresentei ao X Congresso de Medicina do Trabalho reduzi a técnica simbólica ao mínimo — para que pessoas que a desconhecem me pudessem entender. Talvez eu esteja procedendo levemente. Mas, Amigo, escrever, escrever, escrever sempre isolado dos que estão mais próximos de nós, umas vezes não nos importa nada, mas outras vezes faz-nos sentir tão solitários que, então, nos dispomos a todas as transigências. Além do desejo sincero e altruísta de, por amor dos outros e não por amor de nós, compartilharmos

com os que têm menos preparação técnica conhecimentos e maneiras de ver a que ligamos importância...

Vou reler o trabalho de aqui a meses, como V. me aconselha. Mas talvez que, se V. também o reler de aqui a algum tempo, livre do choque e da estranheza do primeiro contacto, a sua opinião não seja exatamente a que é agora...

Creia na muita consideração e estima sincera do seu amigo

Edmundo Curvelo

6. Rascunho de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, 13?.10.51

Meu caro Curvelo,

Quando chegou a sua carta [eu] já tinha lido a ‘Teoria dos Fatores’,⁴ e dispunha-me a escrever-lhe. Motivos estranhos forçaram-me ao adiamento. Mas cá estou a agradecer-lhe quer a oferta do opúsculo, quer a sua carta. O opúsculo levanta problemas sérios quanto à sua construção da Teoria do Fator. Digo do Fator, porque julgo ver no seu trabalho a tentativa de invalidação da pluridade fatorial. Mas por isto mesmo é que o seu trabalho se torna difícil a partir do título e da maior parte do conteúdo. Mais uma vez V., consequentemente aliás a partir da sua redução lógica, foi muito mais longe do que os autores que o inspiraram. Resta saber se o ir longe demais não é neste caso desvalorizar o que em Burt⁵ nos aparece cuidadosamente relacionado ainda com o que V. chama lógica predicativa ou categorial... Porque para além desse nível as possíveis aptidões encontradas não têm correlação (parece-me) com qualquer profissão para a qual o I[nstituto de] O[rientação] P[rofissional] tem de encontrar correlação. Julgo que foi disto que V. se esqueceu: que a profissão é atividade a exercer neste mundo (no mundo e não no universo) e que essa atividade pressupõe a existência de coisas e relações com as coisas com inegável caráter ontológico e condicionadas por um socio-lógico e um físico-lógico que não têm lugar no seu pensamento desejoso de ultrapassar este nível... Não será assim? O estudo aliás revela as suas dificuldades a avaliar pelas vezes a que se refere a ‘classe de fatores’ e ‘sistema de fatores’ e a própria investigação do que V. entende por fator leva-o a chamar-lhe ‘método lógico’, ‘técnica de investigação lógica’ para concluir que o seu pensamento é analítico, relacional e estrutural. Mas a sua noção de análise (que nem na

⁴ Edmundo CURVELO (1951b). Opuscula Psychologica. III. Teoria dos Factores, Boletim do Instituto de Orientação Profissional 2, 3ª série, 100-148.

⁵ Cyril Lodowic BURT (03.03.1883–10.10.1971).

sua maneira de ver pode ser considerada como fundamento!) – (porque não entendo o que seja fundamento analítico!) embora possa entender que o fundamento pode ser encontrado, construído por análise. Mas a análise como instrumento de unificação é que me parece ousado, como também já me pareceu no seu estudo anterior. Será a síntese instrumento de separação? Ou, o que me parece mais provável, não é para V. a síntese coisa nenhuma, embora todo este seu estudo analítico possa ser considerado como cascata (no sentido da física) de juízos sintéticos a priori.

Mas se o fator é, como diz, ‘método lógico’, ‘técnica de investigação’ como é que este método, esta técnica, consegue fazer dele construtor de psicologia se na pág. 10 V. afirma que a psicologia é ciência de observação, embora tenha o cuidado de fazer reverter o leitor para outro estudo? Mas para mim o caso mais bicudo é constituído pelo período da pág. 11 que começa ‘Assim’... até ‘apriorística’. Seria a partir deste período que eu teria de fazer a crítica, se tal me fosse exigido. Assim chamo-lhe apenas a atenção para o que escreveu e pergunto-lhe se a admitir o que lá está considera o seu estudo consequente em 52 páginas daí para trás e daí para diante. É possível que sim, mas custa-me a crer... Pois se o fator é uma invariante como é que é possível adscrever-lhe história??? E se o fator é o elemento mais simples do universo psíquico, já não é (parece-me) método lógico [e] técnica de investigação. E outra página me deixou em dificuldades, a pág. 20 em que V. reincidentemente chama ao fator elemento psíquico, relação, probabilidade e conhecimento! Mas volta-se ao mesmo ponto: é método de conhecimento ou é já conhecimento, ou nem é uma coisa nem outra, como também aparece expresso no seu estudo? Não é objeto de conhecimento. É certo que adiante, e na luta com a dificuldade, V. lhe chama símbolo operativo, noção lógica e estatística. Não acha que é demais? (...)

7. Carta de Edmundo Curvelo para Delfim Santos, 16.10.51

Lisboa - 16 - outubro - 1951

AMIGO:

As suas cartas são, para mim, muito gratas. Muito gratas e muito úteis. Primeiro porque as considero manifestações de interesse, não só sentimental mas também filosófico, de um amigo que, aparentemente (já lhe tenho dito que considero as nossas divergências muito mais aparentes que reais, e V. conhece-me o suficiente para crer que não é do meu feitio afirmar o contrário do que penso, ainda quando as minhas afirmações corram o risco de, bondosa ou maldosamente, serem mal interpretadas, como tantas vezes o têm sido) que aparentemente, digo eu, tem posição filosófica diversa da minha. Segundo, porque, ao contrário do que V. diz recear no final da sua carta, V. compreende fundamentalmente o que eu escrevo. Compreende-o de maneira incomparavelmente mais genuína do que tantos outros que, aparentemente, seguem orientações filosóficas mais próximas da minha.

Mas deixemos isto, que são convicções de que só um convívio mais íntimo nos fará ter consciência mais segura: embora eu creia que neste momento importam, pois atrevo-me a dizer que se V., em vez de partir de fora para dentro, do desacordo (que eu insisto em considerar aparente) para a concordância, partisse de dentro para fora, partisse do que nos é comum para aquilo que parece separar-nos, atrevo-me a dizer, insisto eu, que V. não teria dificuldades em convencer-se de que pensamos do mesmo modo a respeito de problemas e atitudes fundamentais. Se V., Amigo, parte do pressuposto da nossa divergência, acontece-lhe o que acontece a qualquer pessoa inteligente quando defende uma tese ou toma parte num debate: V. defende, demonstra, justifica o seu pressuposto, valoriza, dá relevo a tudo quanto pode fortalecer-lo, e nega, rebate, destrói tudo quanto possa infirmá-

lo. E isto é assim porque V. não é apenas uma pessoa inteligente: é também uma pessoa combativa. E o combate das ideias, meu caro Delfim, é uma das situações de maior prazer para as pessoas inteligentes. No entanto eu estou convencido de que o nosso fundamental acordo acabará por se impor não só aos olhos dos que fingem ser cegos (ou, coitados, que o são de verdade...), como aos nossos próprios olhos. Lembro-me de que uma vez, na Secretaria da Faculdade, a respeito não me lembro já de quê (mas era assunto que muito parecia separar-nos, se não me engano de teoria do conhecimento), depois de conversa aliás não muito longa, olhámos um para o outro e desabafámos: « – afinal estamos de acordo!» E dissemos isto menos com admiração do que com o alívio de verificarmos o que, por ambos sermos intelectualmente honestos, «não poderia deixar de ser».

Bem, mas mais uma vez deixemos isto.

Diz-me V. que, a partir de certo nível (o de Burt e de Spearman⁶) as possíveis aptidões encontradas não terão correlação com qualquer profissão para a qual o I[nstituto de] O[rientação] P[rofissional] tenha de encontrar equivalente. E que profissão é atividade a exercer neste mundo e pressupõe sistema de coisas e relações com as coisas com inegável caráter ontológico... Meu caro Delfim, eu não quero dizer que o problema seja o mesmo, mas pelo menos metaforicamente creio que o símile convém. A análise química permitiu que se encontrassem certas substâncias elementares (os elementos químicos: elementos e químicos, quer dizer, obtidos por meio de análise química), e são elas que interessam ao farmacêutico quando avia uma receita. Até aqui estamos (aliás não tanto quanto parece, pois cada uma de essas substâncias não é mais do que certo conjunto de propriedades e relações ponderais) em domínio de coisas. Mas vamos, por isso, desautorizar outros tipos de análise que, muito para além da substância química, alcançam noções que não é já possível coisificar e não podem entender-se senão como equações ou sistemas de equações? Será

⁶ [nota de J.A.A.] Charles Edward SPEARMAN (1863-1945), psicólogo inglês, conhecido pelo seu trabalho na área da estatística e pioneiro na análise fatorial.

possível coisificar, por exemplo, uma onda de probabilidade? De essas noções nem sequer nos importa que sim ou não sejam. Por exemplo, a certa altura há neutrinos. Quer dizer, no esquema admitido por necessidade de inteligibilidade, figuram certas relações ou sistemas a que se chama nominalmente neutrinos. Mas depois deixa de haver. Quer dizer, o esquema teve de ser modificado, ainda por necessidade de inteligibilidade, e tais relações ou sistemas deixaram de figurar nele. Vamos dizer que não valeu a pena ter-se aceitado o neutrino? Eu creio que não, porque ele foi uma condição de inteligibilidade que proporcionou (até quando foi eliminado) outras condições de inteligibilidade mais satisfatórias. Mas evidentemente [que] nada de isso impede que seja com sódio, cálcio, etc. que o farmacêutico continue a aviar as suas receitas, isto é, nada de isso nega o mundo das substâncias químicas. Pelo contrário, a concordância com ele é condição de aceitação do esquema mais analítico. Mas por outro lado esse mundo das substâncias químicas também não permanece indiferente aos resultados da outra análise mais funda – e que isso é assim mostra-o o panorama da medicina contemporânea.

Por isto, Amigo, e mal comparado, eu entendo que V. tem razão na maneira como considera uma profissão e nos objetivos do I[nstituto de] O[rientação] P[rofissional], que, afinal, e sem sentido pejorativo, tem de ser uma botica onde se aviam – e quando muito se estudam – umas receitas. Mas a investigação psicológica tem de ir mais além. Pois o que me parece é que tal lógica predicativa é a do I[nstituto de] O[rientação] P[rofissional] como botica, mas a lógica do mais além tem de ser outra...

Há na sua carta referências a outras dificuldades, e eu creio que elas resultarão de eu, no Opúsculo, não ter distinguido tanto quanto seria para desejar entre análise fatorial – um método de análise relacional e estrutural – e fator – uma noção relacional e estrutural. E dado que eu não tornei essa distinção tão nítida quanto é necessário, as suas críticas são, evidentemente, legítimas e procedentes. Pelo menos algumas das dúvidas espero que serão esclarecidas num trabalho que estou a preparar sobre

operadores seletivos. Mas peço-lhe, Amigo, que nunca evite chamar a minha atenção para as contradições e insuficiências de aquilo que escrevo pois, além do mais, encontro nisso muito mais motivo de interesse e de gratidão do que nas louvaminhas habituais, cortesias mas vazias. Para não falar no silêncio do maior número...

Agora uma novidade para si. Tenho redigido um trabalho sobre o sofrimento e a humildade, a que talvez (esse sim) se possa chamar 'Teoria metafísica da existência', e que não sei onde hei de publicar. Tem alguma sugestão?

Recebi agora o Artigo que mandei para este número da Revista da Faculdade. Hoje mesmo lhe o envio.

Creia na muita consideração e amizade do seu

Edmundo Curvelo

8. Rascunho de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, 20?.10.51

Meu caro Curvelo,

Apresso-me a escrever-lhe para o libertar de certa convicção que parece surgir na sua carta. Primeiro a minha consideração por alguém, neste caso por alguém que especula, medita, trabalha nos domínios vastos da filosofia, não depende do acordo, da concordância real ou possível com os meus pontos de vista, as minhas convicções ou as minhas preferências. Ainda que eu me convencesse que, de facto, haveria entre nós radical desacordo, oposição inconciliável, não seria isso nem de longe motivo para o não apreciar e não o admirar. Na nossa terra infelizmente tudo se passa no signo do partido. Mas eu recuso-me a subordinar a categorias políticas o que nada tem que ver com a política ou, pelo menos, com a má política. Como sabe, não me são totalmente estranhos os seus domínios preferidos de investigação. Afastei-me voluntariamente do seu cultivo talvez devido a ter pressentido o que V. me confessou na sua carta anterior que “escrever, escrever, escrever sempre isolado dos que estão mais próximos de nós... faz-nos sentir solitários” e este passo e outros indicou-me que algumas das suas horas são de sofrimento, o que de certo modo é confirmado, parece-me, pelo anúncio de que redigiu um trabalho sobre ‘Sofrimento e Humildade’. Isto não quer dizer que eu goze da plenitude eufórica de ter realizado o meu sonho e não sofra também do mesmo mal por outros caminhos que são igualmente difíceis e sem a compensação que todos desejamos: que os outros nos ajudem a ir mais longe, porque sempre um secreto saber nos indica que ficamos diminuídos quando avaliados só pelo que fazemos. Como vê, portanto, não tenho justificação de qualquer espécie para lhe oferecer o que eu também não consegui. Simplesmente penso que devemos tirar da solidão o muito que ela nos pode dar no prosseguimento do nosso caminho e o sofrimento assim pode ter alto valor positivo. Não o convido a desistir, convido-o sim a prosseguir. O que me levou a certo

pendor crítico perante os seus trabalhos, que indiquei sumariamente, não é pois nem a natureza nem o sentido da sua meditação, mas certas conclusões que me parecem, a partir dos seus postulados, menos admissíveis. Foi apenas isto e não o interesse ilegítimo entre cultores da filosofia de desvalorizar o pensamento de outrem porque ele não está em acordo real ou aparente com o meu. E se V. me pedisse um conselho eu só lhe poderia dar este: que continue, que não se desespere com a incompreensão dos outros e que não abandone aquele rigor exigente e sério que faz parte do labor filosófico. Não creio que essa falta de rigor dos seus últimos escritos seja resultante da linguagem não simbólica. Há, permita que lhe diga, algo de indisciplina mental, descuido estilístico, egolatria antipática, vaidade refutante e generalizante por ascensão abstrática ousada e improvável nos seus últimos escritos que os distingue dos seus primeiros... Não me dê razão, mas procure saber para si se eu tenho razão. Quando li o seu primeiro livro *Introdução à Lógica*,⁷ na *Cosmos*, apreciei-o nas virtudes reais e inegáveis que patenteia: dedução rigorosa do pensamento, clareza admirável de exposição, humildade de atitude e boa composição estrutural do livro (embora sem bibliografia). E, sobretudo, muito bem escrito. Dir-me-á: tratava-se de um livro elementar em que expunha algo já elaborado e não se aventura[va] pelos caminhos da alta especulação. Não me parece só isso. Em outros V. continuou a manifestar as mesmas virtudes que, confesso, não encontro nos seus últimos escritos. Talvez porque escrever depressa dá a impressão de que o que se escreve foi pensado apressadamente... Julgo que isto que atrevidamente lhe digo servirá para o convencer que não são as nossas divergências que me preocupam mas outra coisa muito mais séria: o seu próprio desvio, a própria extrovergência do que lhe importa seguramente afirmar. E agora ainda outro ponto da sua segunda carta: o que me surpreende no estudo sobre o fator não foi o seu estudo transcendental, digamos assim, em contraposição ao empírico ou boticário.

⁷ Edmundo CURVELO (1943) *Introdução à Lógica*, Lisboa: Cosmos.

Tudo isso eu admito sem esforço, como me fará a justiça de acreditar. O que eu critiquei foi a não delimitação rigorosa desses dois domínios e que agora na sua carta aparece claramente. O que me surpreendeu foi a determinação contraditória e plural das características do fator como V. apresenta ao longo do trabalho com completo alheamento (parece-me) da instrumentação metódica da logística. E não inculpo só a linguagem... Outro aspeto, que exigiria longo desenvolvimento para lhe apresentar o desacordo intenso da sua dedução, é no estudo sobre Fundamentação Epistemológica a associação entre estrutura e operação. Confesso que não compreendi bem o seu pensamento. E, quanto ao resto, lamento eu mesmo não ter uma revista para inserir o seu estudo sobre 'Humildade e Sofrimento' ou qualquer outro da sua autoria. É um sonho que tarda em realizar-se. Mas espero ainda que algum dia se realizará.

E por hoje fiquemos por aqui. Agradeço-lhe o seu estudo sobre a Probabilidade.⁸ Não o li ainda.

Creia na simpatia e consideração do seu colega e amigo

Delfim Santos

⁸ Edmundo CURVELO (1950) Problemática Filosófica da Probabilidade, XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Tomo VII, 6ª Secção, Ciências Filosóficas e Teológicas. Lisboa: Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências, 195-206; reed. (1951c) Quaestiones logicales. IV. Problemática filosófica da probabilidade, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 17(1), 2ª série, 128-139.

9. Dedicatória de Delfim Santos para Edmundo Curvelo, 1952?

[Em ex. da sep. FORMAÇÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO PROFISSIONAL, Lisboa: 1952]

*Ao doutor Ed[mundo] Curvelo, com a estima e
camaradagem do*

Delfim Santos

| | |
|--|---|
| Ⓡ | Ⓢ |
| FICHA TÉCNICA: | |
| Documentação: <u>Arquivo Delfim Santos</u> | |
| Transcrições e nota n.º 6: <i>José António Alves</i> | |
| Organização, fixação do texto, notas e projeto gráfico: <u>Filipe Delfim Santos</u> | |
| Execução: Março de 2011 | |
| Ⓡ | Ⓢ |